



RESENHA

FILL, Alwin & PENZ, Hermine (orgs.). *The handbook of ecolinguistics*. Nova York/Londres: Routledge, 2018, 457p.

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/ CNPq)

1. Introdução

Este *Handbook* é a maior coletânea ecolinguística jamais publicada. Ele consta de 29 ensaios, em que praticamente todas as diversas tendências da disciplina estão representadas. Os organizadores devem ter tido um trabalho ingente para juntar todo este rico material e por ter tentado mostrar como os diversos ensaios se articulam, fato que eles mostram na "Introduction" (p. 1-7) escrita por Fill e, até certo ponto, no posfácio, "Ecolinguistics in the 21st century: New orientations and future directions", assinado por Fill e Penz. Trata-se de uma obra monumental, que contém ainda uma "Dedication" (p.

xi) inicial assinada por Francisco Gomes de Matos, entrevistado neste número de ECO-REBEL. Antes da "Introduction" e dos ensaios propriamente ditos, temos uma pequena apresentação ("Contributors", p. xii-xviii) de todos os autores.

Gostaria de começar esta resenha reproduzindo parte do que se lê na primeira página do livro, sob o mesmo título da própria coletânea.

The Routledge handbook of ecolinguistics é a primeira apresentação abrangente do campo da ecolinguística, também conhecida como ecologia linguística. Dividido em três seções que tratam das diferentes áreas da ecolinguística, o *Handbook* começa com capítulos sobre diversidade linguística, minorias linguísticas e línguas ameaçadas, em que os autores discutem as ligações entre perda de língua e de espécies. Ele continua com uma visão geral do papel da língua e do discurso na descrição e invisibilização dos problemas ambientais, ajudando na sua solução. Com discussões sobre novas orientações e tópicos para avançar a exploração do campo, os capítulos da seção seguinte mostram a ecolinguística como ponto de partida para uma nova era científica. Este *Handbook* é um excelente recurso para estudantes e pesquisadores interessados em língua e meio ambiente, contato de línguas e muito mais.

A "Introduction", assinada por Alwin Fill, começa por um breve histórico, partindo do próprio conceito de "ecologia" de Haeckel (1866), seguindo-se um breve apanhado geral da história da ecolinguística, mostrando que o primeiro registro escrito da palavra foi em 1975, com o sociolinguista francês Jean-Baptiste Marcellesi. O autor considera "ecolinguística" um termo guarda-chuva, que alberga diversas orientações. Uma das

orientações é "ecologia das línguas", iniciada por Voegelin & Voegelin e por Haugen. Fala também da "linguística ecológica", que lembraria a linguística ambiental (COUTO, 2017), área que teria começado com a famosa conferência de Halliday no congresso da AILA em 1990. Trata-se de uma visão construcionista da língua (a língua cria o mundo). Uma outra orientação é de cunho mais filosófico, mostrando as interdependências entre língua e meio ambiente e que a ecolinguística pode ser vista como uma baliza para a transdisciplinaridade. O autor conclui mostrando que já existe uma comunidade ecolinguística mundial, em que se sobressaem países como Áustria, Alemanha, Dinamarca, Brasil e, ultimamente, China. A seguir, temos os ensaios teóricos propriamente ditos. A enumeração é um tanto enfadonha, devido a sua extensão, o que infelizmente é inevitável.

2. Os capítulos

A Parte I (**Languages in their Social and Individual Environment**) está subdividida em duas. A primeira (I.A) se intitula *Linguistic and biological diversity: Minority languages and majority languages, endangerment and revival*. Ela compreende 6 capítulos. O cap. 1, "Biological diversity and language diversity: parallels and differences", assinado por T. Skutnabb-Kangas & D. Harmon, trata de um assunto que é uma das áreas preferidas de Harmon, enquanto que Skutnabb-Kangas é muito conhecida como especialista em direitos linguísticos, que estão intimamente ligados à diversidade linguística que, por seu turno, está muito associada à diversidade biológica, tema tratado neste artigo.

O cap. 2, "The ecology of language contact: Minority and majority languages", de A. Bastardas, trata de um dos assuntos iniciais da ecolinguística (contato de línguas), exemplificando basicamente com o contato entre o catalão e o castelhano. Como acontece também com o basco e o galego, há uma relação desigual, pois essas línguas estão perdendo terreno para o castelhano em seus próprios territórios. O cap. 3, "Language endangerment and language death: The future of language diversity", S. Romaine, também trata de línguas minoritárias, mas da perspectiva de sua obsolescência e morte, o que leva à perda de diversidade linguística. A autora apresenta tantas estatísticas que tornam a leitura bastante pesada. O cap. 4 é assinado por um dos organizadores da coletânea, A. Fill, e porta o título de "The economy of language ecology: economic aspects of minority languages". Também ele trata de línguas minoritárias, mas do ponto de vista econômico. Fill começa lembrando que o Reino Unido ganha mais de 10 bilhões de euros dos demais países europeus simplesmente por: 1) "Venda de livros e outros bens relacionados com o inglês; 2) a tradução de livros etc. para o inglês; 3) aproximadamente 700 mil pessoas vão à Grã-Bretanha todo ano para aprender ou aperfeiçoar o seu inglês;

4) muitos britânicos têm empregos fora do país devido a seu conhecimento nativo do inglês, empregos que incluem o ensino de inglês; 5) a não necessidade de ensinar línguas estrangeiras nas escolas britânicas fá-las economizar dinheiro" (p. 56). O autor continua detalhando estatísticas sobre custo e benefício de se manterem línguas minoritárias.

O cap. 5, "Language evolution from an ecological perspective", de S. Mufwene, revela a conhecida posição do autor sobre o assunto. Ele defende a tese de que a língua é equiparável à espécie, não ao organismo. Assim, a dinâmica das populações é um dos seus pontos de partida para explicar a evolução: toda evolução tem a ver com algum tipo de contato (entre línguas, entre dialetos, entre idioletos etc.). Ao lado dessa "ecology of language", ele reconhece também uma "ecologia interna" na língua (81). No cap. 6, Kaplan fala de "Linguistic aspects of language planning", em que o pai da ecolinguística, E. Haugen, era especialista.

A seção I.B da Parte I (*Language Contact -- Bilingualism and Multilingualism -- and Contact Languages*) consta de cinco capítulos. O primeiro, "Individual and societal bilingualism and multilingualism", de S. Ehrhart, trata de dois tipos de bi-/multilinguismo que frequentemente não são distinguidos, ou seja, o individual e o comunitário. A autora aconselha a verificarmos em que (variedade de) língua interagimos nas diversas situações da vida. O texto seguinte, "Linguistic imperialism and the consequences of language ecology", assinado de novo por Skutnabb-Kangas e por Robert Philipson, retoma a questão da interação desigual entre as línguas, com os impositores de línguas dominantes tentando enganar os povos autóctones de que o melhor para eles é abandonar as próprias línguas para "subir na vida".

Em seguida vem o texto de P. Mühlhäusler, "What creolistics can learn from ecolinguistics". O texto se baseia em ideias do autor já divulgadas anteriormente: ele é especialista e pioneiro nas duas. Após defini-las, ele afirma que a ecolinguística pode ser útil à crioulística no que tange à sua ontologia, à variação linguística, à questão da adaptação a novos ambientes e ao conteúdo dos crioulos. Ele critica a crioulística tradicional por superenfatizar as questões estruturais em detrimento de suas propriedades substanciais e peculiaridades lexicais. Na verdade, o que está no título do capítulo não é ecológico porque o que deve haver é o que uma das áreas pode oferecer à outra e vice-versa. De um modo geral, e infelizmente, crioulistas e ecolinguistas têm ignorado um ao outro. O último texto de IB, "Ecosystemic linguistics" de Hildo Couto, trata do assunto central de ECO-REBEL, portanto, não é necessário falar dele aqui.

A Parte II, **The Role of Language Concerning the Environment (Biological and Ecological Sense)**, também está dividida em duas. A primeira, II.A *The Role of Language in Creating, Aggravating and Solving Environmental Problems*, consta de 4 capítulos. O primeiro é "Positive discourse analysis: rethinking human ecological relationships", de Arran Stibbe, que parte da análise do discurso positiva (ADP), proposta por James Martin como um complemento positivo à visão negativa da análise do discurso crítica (ADC) e praticamente todas as demais. Stibbe já vinha fazendo isso desde os seus primeiros ensaios, defendendo a vida dos animais não humanos. O autor acha que simplesmente usar um discurso ecologicamente correto não resolve a questão. Por isso, a 'análise do discurso positiva ecolinguística' -- Martin não falara nesses termos -- prefere alinhar-se com a ecologia profunda de Arne Naess. Nisso, a tese de Stibbe e da ADP coincide em grande parte com a análise do discurso ecossistêmica/ecológica (ADE).

Em seguida vem o texto de Anders Hansen, "Using visual images to show environmental problems". O autor não cita nenhum ecolinguista, mas o próprio título de sua contribuição contém o termo "environmental" (ambiental). Afinal, uma imagem vale mais que mil palavras. Em seguida vem "Investigating texts about environmental degradation using critical discourse analysis and corpus linguistic techniques", de Richard Alexander, pertencente ao grupo austríaco de ecolinguistas. Como muitas outras contribuições na antologia, também esta usa a ADC faircloughiana para tentar desmascarar discursos de empresas poluidoras que querem passar-se por "ambientalmente corretas". O último texto desta seção, "The pragmatics of metaphor: an ecological view", é do conhecido pragmaticista Jacob Mey. Em um estilo bastante "metafórico", ele mostra que as metáforas precisam ser contextualizadas, entendidas ecologicamente, pois seu valor depende dessa perspectiva. No volume 2, número 2, 2016 de ECO-REBEL há um artigo do autor, que pode facilmente ser consultado, dada a dificuldade de encontrar a antologia ora resenhada.

A seção II.B (*How Environmental Topics Appear in Texts and in the Media: Ecological and Unecological Discourse*) começa pelo texto "Lexicogrammar and ecolinguistics", de

Andrew Goatly. Contrariamente a muitos capítulos anteriores e posteriores que são ecológicos apenas pelo objeto, o texto de Goatly é claramente ecolinguístico, pelo menos no sentido do que se pratica no eixo Alemanha-Áustria. Seguindo a teoria linguística de Halliday, Goatly argumenta no sentido de que a "lexicogramática" da língua afeta o modo de os falantes perceberem o mundo bem como o modo de agirem sobre ele, embora sem negar que pode haver influência do mundo na linguagem também, e até uma relação dialética entre ambos. Mai Kuha apresenta um apanhado geral de "The treatment of environmental topics in the language of politics". O capítulo "Eco-advertising: the linguistics and semiotics of green(-whashed) persuasion", de Hartmut Stöckl e Sonja Molnar, está bem descrito no próprio título: as propagandas enganadoras e os recursos linguísticos e semióticos em geral de que lançam mão. Em seguida vem o texto da coorganizadora da antologia, Hermine Penz, "'Global warming' or 'Climate change'?" Entre outras coisas, ela mostra que "aquecimento global" não é a mesma coisa que "mudança climática". Reportando-se ao ex-presidente americano Al Gore, mostra que a segunda expressão pode ter mais impacto entre os leigos. Como sempre, ressalta o papel da mídia na (des)conscientização do público sobre o assunto. Penz é da mesma universidade que Fill e tem colaborado com ele há muito tempo, como na organização de eventos e publicação de coletâneas de cunho ecolinguístico. O último texto desta seção é "Media reports about natural disasters: an ecolinguistic perspective", do ecolinguista alemão Martin Döring. Além de mostrar a perspectiva ecolinguística sobre o assunto, Döring apresenta uma nova ramificação para a análise do discurso crítica (ADC), que é a análise do discurso ecocrítica (ADEC), ou ECDA pela sigla em inglês. O ensaio é bem interessante do ponto de vista teórico-metodológico.

A seção II.C (*How do Language and Discourse Transport Ecological and Unecological ideas?*) se inicia pelo texto de Guy Cook e Alison Sealy intitulado "The discursive representation of animals", uma linha de investigação que tem sido relativamente bem explorada por ecolinguistas como Arran Stibbe e o jovem ecolinguista argentino Diego Forte. De um modo geral, o tratamento e o discurso sobre animais é amplamente antropocêntrico, frequentemente antropomorfizando os animais. A posição dos autores é muito próxima da da ecologia profunda de Arne Naess (1912-2009). Em seguida vem "Euphemism for killing animals and for other forms of their use", de Wilhelm Trampe, que teve uma fazenda ecológica por alguns tempos na Alemanha. O autor mostra que além de eufemizar a matança de animais usando palavras como "abate" ou "processamento", eles são tratados como coisas (objetos), não como seres vivos (sujeitos). Trampe é autor do primeiro livro autoral de ecolinguística (*Ökologische Linguistik*, 1990) antes da introdução à ecolinguística de Alwin Fill, mencionada mais abaixo. O texto seguinte é "Overcoming anthropocentrism with anthropomorphic and physiocentric uses of language", de Reinhard Heuberger. Como os dois textos anteriores, o de Heuberger também trata de como a natureza e, sobretudo, os animais são tratados na língua. De um modo geral, o que predomina no nosso modo de ver os animais é o antropocentrismo, de acordo com o qual todos os animais são julgados segundo sua utilidade, perniciosidade e periculosidade para nós. A propósito, vale a pena consultar o texto em português de Matthias Jung em *ECO-REBEL* v. 4, n. 1, 2018. O último texto desta seção é "Ecolinguistics and place-names: interaction between humans and nature", de Joshua Nash. Apesar do título já mostrar que ele também tem a ver com a relação entre os humanos e a natureza, o presente texto trata de um assunto inteiramente diferente, a toponímia, em que o autor fez seus estudos de pós-graduação e publicou um livro (*Insular Toponymies Place-naming on Norfolk Island, South Pacific and Dudley Peninsula, Kangaroo Island*. Amsterdam: Benjamins, 2013). Ele mostra a utilidade da abordagem

ecolinguística aos estudos toponímicos devido a sua abordagem holística. Infelizmente, o autor acha que é pioneiro nessa abordagem, ignorando que Couto (2007: 250-259) já havia incluído a toponímia nos estudos ecolinguísticos, mostrando as similaridades e diferenças que há entre esse processo e o dar nome a plantas, animais e pessoas, enfim, como tudo isso lança luz sobre o processo da referência, um das faces da linguagem (a outra é a comunicação).

A Parte III (**Philosophical and Transdisciplinary Ecolinguistics**) contém 5 capítulos. O primeiro é "The ethics of scientific language about the environment", de Brendon M. H. Larson. Iniciando com os conceitos de holoceno (a época geológica presente) e antropoceno (época do início do impacto da atividade humana na geologia da terra e nos ecossistemas), Larson discute o papel da ética no discurso científico sobre nossa relação com o mundo. O segundo texto, "Ecolinguistics and education", de George M. Jacobs, fala da educação ambiental na época do antropoceno, salientando a posição da UNESCO sobre o assunto em 1976, que é necessário praticar-se uma pedagogia crítica, dialógica no contexto de um pensamento crítico. Ele mostra o papel da agricultura na educação ambiental, fala dos custos de uma agricultura de larga escala. Neste mesmo volume da revista há um artigo de Jacobs. Em seguida, vem o capítulo "The microecological grounding of language: how linguistic symbolism extends and transforms the human ecology", de Sune Vork Steffensen. Steffensen pertence à chamada Escola Ecolinguística de Odense (Dinamarca), cujos iniciadores são Jørgen Døør e Jørgen Christian Bang, que não estão presentes nesta antologia. Contestando tanto aqueles que criticam a separação cartesiana corpo-mente quanto os que veem a linguagem/o discurso como desligados do mundo, ele apresenta uma proposta compatível com a da linguística ecossistêmica, que vê a língua como pertencendo ao domínio do social, do mental e do natural. Do ponto de vista teórico, é um dos capítulos mais interessantes. O capítulo "Transdisciplinary linguistics: ecolinguistics as a pacemaker into a New Scientific Age" é de Peter Finke, um dos autores em que a linguística ecossistêmica se baseia e que é citado por Steffensen. Finke fala de uma "era transdisciplinar", em que a ecolinguística tem grande chances de representar um papel decisivo, contanto que não fique apenas discutindo nosso uso da linguagem. Nos comentários retomarei este autor. O último capítulo desta parte, e da antologia, é "Religion, language and ecology", de Todd LeVasseur. Pode-se ver no próprio título que o autor discute as "interfaces" entre religião-natureza/ecologia para o que a ecolinguística pode ser um instrumento bem adequado.

A Parte IV (**New Orientations and Future Directions in Ecolinguistics**) na verdade não é uma nova Parte, dividida em capítulos como as demais, pois consta apenas de uma retomada do apanhado geral do livro pelos organizadores, Alwin Fill e Hermine Penz, sob o título de "Ecolinguistics in the 21st century: new orientations and future directions". Este posfácio dos organizadores da coletânea complementa a Introduction assinada apenas por Fill. No posfácio eles apontam para diversas áreas de pesquisa a que a ecolinguística já vem se dedicando, mas, sobretudo, aquelas a que ela poderia e poderá se dedicar. Lá para o final do texto, os autores afirmam que "a ecolinguística é vista como uma visão de mundo unificada", o que é um dos postulados centrais da linguística ecossistêmica de que ECO-REBEL é o porta-voz.

3. Comentários

Como já dito, a seção anterior desta resenha foi minuciosa e até certo ponto enfadonha, alinhando todos os textos que compõem o livro. No entanto, isso se fez necessário devido à orientação que ECO-REBEL imprime em suas resenhas: apresentar uma visão de conjunto da obra, e não meramente uma avaliação crítica dela. Esse aspecto será

considerado na presente seção. Mas, antes de passar aos comentários, gostaria de acrescentar, ao que já foi dito, que cada capítulo termina não apenas com as tradicionais Referências; ele contém também uma pequena lista de "Further Readings" (Leituras complementares).

Aqui eu vou comentar apenas a organização do livro; não vou entrar no conteúdo específico dos capítulos, o que já foi parcialmente feito na seção anterior. De qualquer forma, é bom lembrar que logo no início do posfácio "Ecolinguistics in the 21st century: new orientations and future directions", Fill e Penz afirmam que "em 2017, ela [a ecolinguística] comemora seu 45^o aniversário -- se considerarmos o artigo de Haugen de 1972 como seu começo" (p. 437). Ao dizer isso, Fill está se mostrando bastante modesto, pois, se é verdade que Haugen é o pioneiro e o "pai" da ecolinguística, o verdadeiro iniciador do movimento ecolinguístico mundial é o próprio Alwin Fill, com seu *Ökologlinguistik: Eine Einführung* (Tübingen: Gunter Narr, 1993), ou seja, *Ecolinguística: uma introdução*, além de obras preparatórias anteriores e posteriores bem como os diversos eventos e publicações coletivas de que foi o principal participante.

A esmagadora maioria dos textos incluídos na antologia trata de questões ambientais. Doze entre eles o fazem diretamente, são análises de textos-discursos ambientais, de uma forma ou de outra. Uns três o fazem indiretamente, de modo que são uns 15 falando do assunto, entre os 28 da coletânea, ou seja, mais da metade. Nenhuma outra área se vê tão bem representada como essa. Alguns desses textos enfatizam "discursos/narrativas sobre questões ambientais", outros mostram como isso está embutido no próprio "sistema da língua", ou melhor, na "lexogramática", de acordo com a terminologia de Halliday. Vale dizer, alguns procuram pelo que há de meio ambiente na língua, outros vão na direção contrária, ou seja, até que ponto nossa língua direcionaria nosso modo de vê-lo. Uns seis textos falam de aspectos teóricos da ecolinguística, como os de número 5, 9, 10, 14, 26 e 27. Sobre diversidade bi-/multilinguismo, há uns cinco textos.

A distribuição dos autores por países, em termos de quantidade, mostra que ela está mais bem representada nos países germânicos. Os não germânicos da coletânea só aparecem com um autor por país.

- Áustria 6
- Inglaterra 6
- EUA 5
- Dinamarca 4
- Alemanha 3
- Austrália 2
- Brasil, Canadá, Cingapura, Espanha, Luxemburgo --> 1 autor em cada um deles.

Em alguns desses países há ecolinguistas que não estão na antologia, entre eles, Mark Garner (Inglaterra), Pere Comellas, Carmen Junyent, Teresa Moure (Espanha), Rui Ramos e Adelaide Ferreira (Portugal), além de outros na Indonésia, no Irã, na Nigéria, na China etc. Na China a ecolinguística está despontando tardiamente, mas com muito vigor. Sabemos que é extremamente difícil classificar por áreas uma quantidade tão grande de textos. De qualquer forma, eu veria outras possibilidades de distribuição de alguns deles. Por exemplo, o capítulo número 10 (sobre linguística ecossistêmica) deveria vir na mesma seção que o de número 27 (que também parte do conceito de ecossistema). Outros ensaios poderiam ser juntados em uma seção sobre teoria, como é o caso dos de número 5 (evolução), 9 (comparação de ecolinguística com crioula), 14 (o uso de metáforas), 26 (parte da biologia, da psicologia e a teoria de Maturana) etc. No entanto, isso não desvaloriza a coletânea, que é uma obra de suma importância para a divulgação da ecolinguística em nível mundial.

É bem verdade que outras coletâneas ecolinguísticas já foram publicadas: no eixo Alemanha-Áustria saíram pelo menos umas sete; na Inglaterra foram umas três; no Brasil, quatro. A quarta coletânea brasileira é Couto, Couto, Araújo & Albuquerque (2016), resenhada em ECO-REBEL v. 2, n. 2, 2016, por Cecília Mollica e Daillane Avelar. O fato é que a antologia aqui resenhada, *The Routledge handbook of ecolinguistics*, é a maior já publicada em todos os tempos e em todos os lugares. É uma obra monumental, que pode ser usada, só ela, para um curso de ecolinguística de vários anos. Estão de parabéns os organizadores, os autores e a editora por porem à disposição dos leitores uma obra de tal envergadura.

Referências

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. *Linguística ambiental*, 2017. Disponível em:

<http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/2017/03/linguistica-ambiental.html> (acesso: 07/02/2017).

_____; COUTO, Elza; ARAÚJO, Gilberto; ALBUQUERQUE, Davi (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: EDUFG, 2016.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 4, n. 2, 2018.